

RELAÇÕES URBANO-RURAI E ESPACIALIDADES PANDÊMICAS¹: reflexões preliminares a partir do caso fluminense

URBAN-RURAL RELATIONS AND PANDEMIC SPACIALITIES: preliminary reflections on the case of Rio de Janeiro

Joana Cruz de Simoni²
PUC-Rio
joana.simoni@gmail.com

Resumo

O artigo tem como objetivo refletir sobre as primeiras evidências de transformações nas relações urbano-rurais aceleradas e intensificadas pela mobilidade capital-interior que ocorre em decorrência dos efeitos da pandemia de Covid-19. Observa-se o estabelecimento de uma relação da sociedade com o espaço urbano marcada pelo distanciamento, isolamento e medo – produzindo novas espacialidades que enfatizam antigas assimetrias. Com foco no caso fluminense, reflete-se sobre os elementos que compõem uma “fuga para o campo” para aqueles com acesso à “hipermobilidade”, ao passo em que a frágil mobilidade (ou, ao revés: a obrigação de mover-se sob o risco de contágio) segue ainda como norma para muitos.

Palavras-chave: Relações urbano-rurais; Pandemia de Covid-19; mobilidade urbano-rural.

Abstract

This article aims to present some evidence and reflections on the accelerating and intensifying transformation of urban-rural relations in Rio de Janeiro by focusing on capital-interior mobility motivated by the effects of the Covid-19 pandemic. Another relationship with urban space can be seen -- social distancing, isolation, and fear are producing new spatialities that emphasize old asymmetries. This article analyzes some elements that make up an “escape to the countryside” for those with access to “hypermobility,” while fragile mobility (or, in reverse: the obligation to move under the risk of contagion) is still the norm for most.

Keywords: Urban-rural relations; Covid-19 pandemic; urban-rural mobility.

Introdução

Em trabalho anterior, investigou-se as distintas representações da vida cotidiana atreladas aos espaços rurais e urbanos (SIMONI, 2019). Foi possível observar, com foco nas localidades rurais de Nova Friburgo, na Região Serrana do Rio de Janeiro, a intensificação de um processo

1 O trabalho foi apresentado originalmente no II SEMAGEO: Re-arranjos Geográficos sob a influência da Pandemia da COVID-19 que ocorreu de forma remota em outubro de 2020.

2 Pesquisadora Pós-doc do Programa de Pós-Graduação em Geografia da PUC-Rio, associada ao Grupo de Pesquisa de Estudos Urbanos e Rurais (URAIIS).

de metropolização do espaço (LENCIONI, 2013; 2015) a partir do qual se constrói uma dinâmica contraditória nas relações urbano-rurais: a busca pela diferença (o cotidiano do *outro*) produzindo a homogeneização, ainda que nunca sem enfrentar resistências, e mantendo – ou produzindo novas – desigualdades. De fato, nota-se como o espaço rural, enquanto *commodity* a ser consumida por uma elite urbana, conforme nos aponta McCarthy (2008), “importa” as contradições e a segregação espacial típicas do espaço urbano, além da “pressão sobre os recursos naturais e a busca de ‘qualidade de vida’ que *territorializa* a distinção social” (GAITÁN; RAINER, 2013, p. 575, grifo dos autores)³.

A presença e a relação com as tecnologias de informação e comunicação (TICs) foram o vetor a partir do qual se analisou essas transformações. Com base em uma análise da técnica e sua ação multiescalar, em uma perspectiva miltoniana (SANTOS, 1996), examinou-se o complexo processo que se desenvolve no contexto metropolitano, onde entrecruzam-se urbanidades e ruralidades. As técnicas de comunicação e informação intensificam e aceleram um processo de inserção do lugar rural na escala global, através da sua midiaticização, seu modelamento para o consumo (como uma representação de espaço de lazer e turismo “antiurbano”, porém, permeado de urbanidades) e sua apropriação por empresas globais (destaca-se, no âmbito de tal pesquisa, a análise da presença do *Airbnb* como ator na produção do espaço). Assim, o espaço se integra e, ao mesmo tempo em que se eliminam dicotomias anteriormente existentes, reafirmam-se assimetrias entre os espaços. Neste sentido, a abordagem das urbanidades no rural (RUA, 2006; 2011) colabora para a compreensão deste processo, ao analisar esse entrecruzamento sob uma perspectiva multiescalar e assimétrica.

A hipótese sob a qual refletiremos no presente artigo gira em torno de uma dinâmica de aceleração, intensificação e transformação nas relações urbano-rurais que se desenvolvem a partir de uma migração capital-interior motivada pelos efeitos da pandemia de Covid-19, a qual atravessamos. O ritmo e características de disseminação da doença, que levaram à imposição de um distanciamento e/ou isolamento social, modificaram, ainda que temporariamente, a relação com o espaço urbano. A perspectiva deste enquanto espaço do encontro e da festa deu

³ Tradução livre, do original: “(...) aumento de edificaciones que trasladan al espacio rural las contradicciones y segregación social del espacio urbano, presión sobre los recursos naturales, búsqueda de “calidad de vida” que *territorializa* la distinción social” (GAITÁN; RAINER, 2013, p. 575).

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

SIMONI, Joana Cruz de. Relações urbano-rurais e espacialidades pandêmicas: reflexões preliminares partir do caso fluminense. **Revista Ensaio de Geografia**. Niterói, vol. 7, nº 13, pp. 57-68, janeiro-abril de 2021.

Submissão em: 19/01/2021. Aceito em: 19/03/2021.

ISSN: 2316-8544

lugar a uma geografia do medo – este último visto enquanto elemento geográfico, uma vez que produz (ou induz a produção de) espacialidades. Ora, importa destacar que as possibilidades de evitar, enfrentar ou superar aquilo que se teme são bastante diferentes e irão mudar de acordo com “o grau de emancipação pessoal, o poder aquisitivo, o contexto familiar e as redes de apoio que configuram o entorno [de determinada população], as quais permitem a adoção de mais ou menos estratégicas para enfrentar suas emoções” (OLIVER-FRAUCA, 2006, p. 377).

As espacialidades fruto do momento da pandemia são reflexos cristalinos desta afirmação: o medo do contágio e a sensação de incerteza transformam o espaço urbano num espaço inimigo⁴, numa “paisagem do medo” (TUAN, 2005). Se o isolamento e a exclusão da vida comunitária representam a “negação da cidade” (OLIVER-FRAUCA, 2006) e se, por outro lado, estes mecanismos parecem ser a maneira mais eficaz de (sobre)viver a estes tempos pandêmicos; coloca-se a questão tão bem sintetizada por Haesbaert (2020, p. 3): “que tipo de dinâmicas de contenção territorial são plausíveis em realidades ‘periférico-coloniais’ como as do continente mais desigual do planeta, a América Latina?”

Contenção territorial, a casa percebida e vivenciada como espaço de segurança, ou, ainda de conforto, não são possibilidades ao alcance de todos, muito menos de forma equitativa. A noção de “qualidade de vida”, intimamente ligada às condições do lugar onde se vive, passa a receber novos contornos. Para aqueles com acesso à “hipermobilidade”, facilitada pelas tecnologias da comunicação e do transporte, são possíveis adaptações – mesmo que em um contexto de mobilidade restringida. Para outros, a imobilidade, a frágil mobilidade (ou, ao revés: a obrigação de mover-se sob o risco constante de contágio) segue como norma em um cotidiano marcado pela precariedade e vulnerabilidade.

Neste contexto, a mobilidade urbano-rural – a ocupação da segunda residência (rural ou periurbana), o aluguel por temporada ou em longa duração ou a aquisição de uma nova residência rural – apresenta-se como uma saída, ou uma fuga, da “cidade quarentenada”. Para alguns, a circunstância específica que a pandemia impõe – sobretudo, pela instalação do teletrabalho e do tele-ensino, combinados com uma cidade cujos atrativos (a alta oferta de serviços) estão em suspensão – traz consigo um impulso à vida (idealizada) rural. Isso, é claro,

⁴ Conforme nos lembra Souza (2020, p. 96): “[...] alguns espaços têm despertado nossa topofobia nesses tempos pandêmicos” – sobretudo no contexto urbano.

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

SIMONI, Joana Cruz de. Relações urbano-rurais e espacialidades pandêmicas: reflexões preliminares partir do caso fluminense. **Revista Ensaio de Geografia**. Niterói, vol. 7, nº 13, pp. 57-68, janeiro-abril de 2021.

Submissão em: 19/01/2021. Aceito em: 19/03/2021.

ISSN: 2316-8544

para aqueles que podem “concretizar” tal impulso ou “fuga”. Para estes o “sonho de ‘casa no campo’ vira real com *home office*”, como apontam Almeida e Batista (2020).

Assim, o artigo tem como objetivo apresentar uma discussão acerca dessa dinâmica contraditória que se delineia a partir das transformações nas relações urbano-rurais em decorrência da pandemia do novo coronavírus, que acarreta na produção de outras espacialidades. Para isso, apresenta, em um momento inicial, as primeiras evidências e reflexões sobre a aceleração e intensificação da mobilidade capital-interior motivada pelos efeitos da pandemia, com foco no caso do estado do Rio de Janeiro, a partir de matérias jornalísticas e dados do setor imobiliário. Em seguida, traça um debate acerca das assimetrias que marcam as relações urbano-rurais, fortalecidas em decorrência da referida mobilidade.

Fugere urbem em uma metrópole quarentenada: primeiras evidências a partir do caso fluminense

As afirmações apresentadas na introdução deste artigo vão ao encontro das novas tendências de consumo apontadas por alguns economistas. No ramo imobiliário aponta-se que o nicho de consumidores que se consolidava no mercado mundial de imóveis no período anterior à pandemia “era de um perfil jovem, [...] buscando imóveis compactos, bem localizados (próximos a estações do metrô e centros de emprego e com boa infraestrutura urbana), com uma tendência a aproveitar o espaço urbano de maneira bastante intensa” (DATAZAP, 2020, p. 41). Os primeiros relatórios indicam, no entanto, que o cenário da pandemia e o distanciamento social por ela imposto trarão, necessariamente, mudanças nesse perfil de consumo (DATAZAP, 2020).

Dados preliminares evidenciam que, dentre os possíveis desdobramentos, a mudança para espaços rurais ou periurbanos é um processo que está em curso (MARTINS, 2020; ALMEIDA e BATISTA, 2020; ZANATTA, 2020). Ainda não é possível afirmar, porém, se é uma ocorrência definitiva ou se corresponde, exclusivamente, a um fenômeno de nicho (como apontam as tendências)⁵. Alguns desses dados, veiculados em jornais de alta circulação,

⁵ “Mesmo reunidas as primeiras evidências, Ana Maria Castelo, coordenadora de projetos da construção do Instituto Brasileiro de Economia da Fundação Getúlio Vargas (Ibre/FGV), diz que é cedo para falar em tendências definitivas. ‘Um dos motivos que impulsionou a oferta de imóveis menores foi a renda, então a movimentação é um fenômeno de nicho’, diz a economista” (MARTINS, 2020).

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

SIMONI, Joana Cruz de. Relações urbano-rurais e espacialidades pandêmicas: reflexões preliminares partir do caso fluminense. **Revista Ensaio de Geografia**. Niterói, vol. 7, nº 13, pp. 57-68, janeiro-abril de 2021.

Submissão em: 19/01/2021. Aceito em: 19/03/2021.

ISSN: 2316-8544

chamam a atenção para: *i*) uma ampliação de 300% na procura, durante a quarentena, de aluguéis de longa duração em imóveis na Região Serrana do Rio; *ii*) um aumento de cinco vezes na média de venda de imóveis de alto padrão em Itaipava, reduto turístico da mesma região (ALMEIDA; BATISTA, 2020).

Uma pandemia como a de Covid-19 incorre em transformações na nossa relação com o espaço, das mais diversas maneiras. Entre as “paisagens do medo” (TUAN, 2005), o isolamento “voluntário” (para aqueles cuja dinâmica de vida permite), o fechamento de fronteiras e a queda brusca na mobilidade e fluidez das cidades – uma interrupção na geografia da hipermobilidade, conforme destaca Dumont (2020⁶) – os padrões de concentração e valorização de diferentes áreas das cidades, e fora delas, também será transformado.

Como apontado, essas mudanças já são percebidas no mercado imobiliário, onde “[...] se vive uma nova movimentação em decorrência da pandemia do novo coronavírus. Com as seguidas prorrogações da quarentena, cada vez mais pessoas procuram comprar ou alugar imóveis em regiões afastadas dos grandes centros urbanos” (ZANATTA, 2020). Neste sentido, assinala-se que “chácaras e condomínios longe de metrópoles são buscados para passar temporada na quarentena e também em definitivo, já que *home office* pode ser tendência pós-covid-19” (ZANATTA, 2020). A mesma autora destaca que, entre os principais atributos desses imóveis, estão o tamanho (imóveis maiores), a proximidade de áreas verdes e o bom acesso à internet.

Alguns especialistas na área de bens imóveis avaliam que, com o fim da quarentena, a tendência é que haja um retorno à moradia na metrópole, ainda que se busque manter um imóvel com os referidos atributos como uma segunda residência. De uma forma ou de outra, é inegável que houve um processo de “migração da capital”⁷, que se espelha, inclusive, na “interiorização” da disseminação do novo coronavírus. Dados do Ministério da Saúde que apontam um

⁶ “A interrupção da hipermobilidade e, mesmo, da mobilidade em geral, engendra um incremento inédito do teletrabalho como se, sob a coerção do vírus, a preferência pela proximidade prevalecesse sobre a mobilidade. A geografia da mobilidade encontra-se reduzida ao seu mínimo vital, tal como podemos atestar pelos milhares de hotéis e restaurantes fechados. Mais ainda, pela disposição de milhares de quartos de hotéis desocupados aos profissionais da saúde cujos domicílios são distantes de seus trabalhos” (DUMONT, 2020, p. 5).

⁷ Para nos focarmos no caso da Região Metropolitana do Rio de Janeiro (RMRJ), destacamos a afirmação de Rodrigo Mello, dono da imobiliária Morabilidade, na Região Serrana do Rio, que “[...] diz que a procura aumentou 300% na quarentena, principalmente por contratos de aluguel mais longos, como um teste para futura moradia” (ALMEIDA; BATISTA, 2020).

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

SIMONI, Joana Cruz de. Relações urbano-rurais e espacialidades pandêmicas: reflexões preliminares partir do caso fluminense. **Revista Ensaio de Geografia**. Niterói, vol. 7, n° 13, pp. 57-68, janeiro-abril de 2021.

Submissão em: 19/01/2021. Aceito em: 19/03/2021.

ISSN: 2316-8544

percentual de infectados de 42% nas capitais e 58% no interior do país – conforme nos indica Menezes (2020)⁸ – ajudam a confirmar essa hipótese.

No estado do Rio de Janeiro, o processo parece refletir o da escala nacional. O diretor da Santa Casa do município de Bom Jardim, na região serrana do Rio, “atesta que, como indicam os números gerais, os casos no município aumentaram. Para ele, o fato de muitos moradores da capital terem optado por períodos temporários ou mesmo pela mudança para cidades pequenas explica o aumento” (MENEZES, 2020).

Segundo Almeida e Batista (2020), a tecnologia é um fator essencial na decisão de mudar para o interior, uma vez que há a necessidade de infraestrutura para o trabalho via internet. Nesse contexto, é importante destacar o crescimento de cerca de 600% na quantidade de pessoas trabalhando em regime de *home office* em decorrência das medidas de combate à disseminação do novo coronavírus (ALMEIDA; BATISTA, 2020)⁹. Assim, a possibilidade de manter o emprego sem precisar enfrentar o trânsito dos grandes centros e com maior proximidade a espaços ambientalmente saudáveis coloca-se como um novo fator motivacional na escolha do lugar de moradia.

Todos esses aspectos (relacionados à possibilidade de mobilidade em meio a um contexto de pandemia, onde as normas do “jogo” mudam subitamente) colocam a questão, já anteriormente levantada por Bauman (1999) ou Lanquar (2007): mover-se é somente mudar de lugar, ou indica também mudança (ou afirmação) de diferentes posições sociais? Ao movermos (no espaço, pelo espaço), que transformações causamos, seja no lugar de origem, no caminho, no lugar de chegada?

Essas indagações colocam-se quando analisamos as especificidades relativas às mobilidades urbano-rurais. Neste sentido, se apontamos até aqui as primeiras evidências de uma intensificação na referida mobilidade, devemos destacar algumas reflexões que giram em torno das transformações nas relações urbano-rurais, em geral, e dos lugares rurais, em específico.

⁸ Dados de julho de 2020.

⁹ Os autores afirmam que: “[...] segundo o IBGE, a tecnologia permitiu que, com o distanciamento social, 8,9 milhões de pessoas no país permanecessem trabalhando em casa. Há um ano, havia 1,2 milhão nessa condição” (ALMEIDA; BATISTA, 2020).

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

SIMONI, Joana Cruz de. Relações urbano-rurais e espacialidades pandêmicas: reflexões preliminares partir do caso fluminense. **Revista Ensaio de Geografia**. Niterói, vol. 7, nº 13, pp. 57-68, janeiro-abril de 2021.

Submissão em: 19/01/2021. Aceito em: 19/03/2021.

ISSN: 2316-8544

As – assimétricas – relações urbano-rurais: uma reflexão necessária

Deve-se destacar, em primeiro lugar, a clara relação entre especulação imobiliária (e reestruturação imobiliária), a comodificação da natureza (HARVEY, 2005) e a transformação do espaço rural. A ocorrência do turismo em áreas rurais – em busca do idílico, da “natureza intocada” – e da migração por amenidades, seja temporária (muito aludida nos estudos teóricos como segunda residência e vilegiatura) ou fixa (primeira ou principal residência), não é produto da contemporaneidade¹⁰. No entanto, esses processos estão se transformando no que tange à intensidade, velocidade e condição, quando consideramos as mudanças materiais e imateriais que acompanham o “novo clico do urbano”. As primeiras reações às novas condições impostas pelo novo coronavírus parecem acelerar e incluir novas variáveis neste processo.

Ao avaliar esta dinâmica (a neorruralidade, a “volta à terra”, ou uma intensificação das migrações urbano-rurais, a depender da perspectiva de análise), alguns autores advogam que se trataria de um revigorar da ruralidade. Por outro lado, argumenta-se, na verdade, que estes processos são indicativos de uma expansão da vida urbano-metropolitana (dos discursos, prioridades e códigos) nos espaços ditos rurais. De fato, observa-se um espraiamento (não linear) dos modos urbano-metropolitanos de (re)produção do espaço, nas suas formas-conteúdo, levando a transformações nos espaços rurais, sem que isso enseje no desaparecimento de algumas de suas especificidades. Rural e urbano são compreendidos, portanto, em suas dinâmicas complexas e relacionais, concordando com a perspectiva trazida por muitos autores (FERREIRA *et al*, 2014; RUA, 2006; 2014; SORBAZO, 2006) em que o urbano se estenderia para além das cidades. Demonstrar-se-ia, assim, a emergência de urbanidades no rural, ao passo em que ruralidades são também ressignificadas no espaço urbano.

Assim, trataremos aqui desta complexa questão a partir de duas principais reflexões. A primeira trata do mercado imobiliário metropolitano, da geração de riquezas através da terra que, portanto, exige que “novas terras” sejam valorizadas. Essa discussão muito se faz no âmbito da cidade dispersa. Os espaços ditos rurais, no entanto, também precisam ser ressignificados, de modo que possam ser reservas para o capital; afinal, como propõe Harvey

¹⁰ Veja-se, por exemplo, os trabalhos realizados por Arrais (2013); Hidalgo; Arenas, Santana (2016); Gaitán; Rainer (2013).

(2011, p. 137): “a produção do espaço em geral e da urbanização em particular tornou-se um grande negócio no capitalismo. É um dos principais meios de absorver os excessos de capital”.

Neste sentido, Rua (2014) ao tratar da relação rural-urbana na contemporaneidade, lembra-nos que o preço da terra (a especulação imobiliária e o aumento do preço da terra em espaços ditos rurais) é uma das maiores expressões de urbanidades no rural. Se levarmos em consideração a afirmação trazida por Harvey (2011) e as avaliações propostas por Rua em seu trabalho, não podemos negar que se produz novos espaços (novas possibilidades de reprodução do capital), através da consolidação de representações de uma “utopia urbana da anticidade” (HIDALGO; ARENAS; SANTANA, 2016, p. 30). Tal utopia, embora se construa através de uma visão negativa da cidade (a antinatureza, o espaço caótico, violento e poluído e, agora, *locus* de contaminação), somente consolida-se carregando consigo “as comodidades que derivam da vida urbana” (HIDALGO; ARENAS; SANTANA, 2016, p. 30).

Ocorre que essa “invenção” – ou seja, esta representação do espaço rural transformado em utopia – tem consequências que podem levar à sua distopia, conforme evidenciam os autores citados. Ao estudar o caso do litoral chileno, os geógrafos demonstram como, através deste processo de difusão da lógica metropolitana a espaços rurais, pelo meio da valorização da residência ou turismo em ditos locais, criam-se também, fenômenos de “elitização, exclusão, segregação e degradação ambiental” (HIDALGO; ARENAS; SANTANA, 2016, p. 28). Assim, os autores argumentam que a criação de uma representação do rural como utopia (fazendo emergir um imaginário de utópolis) cria, em verdade, sua antinomia: uma distópolis – dispersão de novas (e velhas) formas de segregação e elitização dos espaços. Ao se debruçar sobre o caso do litoral cearense, Assis (2012, p. 42) analisa que há uma “elite móvel” para quem “morar e viajar são termos relativos que remetem a práticas cotidianas multilocalizadas e redefinem os sentidos de migrante-turista e morador-migrante”.

Assim, gestada nas cidades, a demanda pelo espaço rural (transformado em utopia) acaba por imprimir nele características cada vez mais “metropolizadas”, seja do ponto de vista da morfologia e organização do território, seja do ponto de vista das práticas sociais. Resta, no entanto, não observar estas transformações de forma também dicotômica (como costumamos fazê-lo no que tange ao par urbano e rural), ou seja, de forma em que haja, “unicamente, uma

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

SIMONI, Joana Cruz de. Relações urbano-rurais e espacialidades pandêmicas: reflexões preliminares partir do caso fluminense. **Revista Ensaio de Geografia**. Niterói, vol. 7, n° 13, pp. 57-68, janeiro-abril de 2021.

Submissão em: 19/01/2021. Aceito em: 19/03/2021.

ISSN: 2316-8544

valorização (positiva ou negativa) sobre as influências do ‘global’ sobre o ‘rural’”, como propõem Gaitán e Rainer (2013, p. 575).

Considerações finais

Se observamos um processo de mobilidade do urbano para o rural (ou periurbano), motivado pelas condições (socioespaciais) impostas pela pandemia, devemos nos perguntar: que transformações este movimento aportará para as relações urbano-rurais? Por outro lado, quais são as representações (de urbano, de rural; das relações entre espaço e bem viver) que determinam tais movimentos? Como estes atuam como desigualizadores do espaço geográfico (por exemplo, a partir da vivência desigual das escalas)? Quais diferenças reafirmam e quais anulam?

Estas questões apontam para um “espaço pós-pandêmico” transformado do ponto de vista de sua materialidade, sua organização; mas também de suas dimensões simbólicas e subjetivas – todas estas co-determinadas e intrinsecamente relacionadas. Se não podemos negar que atravessamos um momento de crise, de mudanças, de incertezas e também de novidades, a ciência geográfica tem papel irrefutável na compreensão e análise de tais processos. O espaço – concebido, percebido, vivido, conforme nos aponta Lefebvre (2006) – se transforma e, portanto, transforma-se a vida cotidiana. O inverso, certamente, também é verdadeiro: porque a vida cotidiana se transforma (alguns irão falar em um cotidiano em suspensão), concebem-se, percebem-se e vivem-se outro(s) espaço(s) – e, portanto, outras relações entre rural e urbano.

Referências

ALMEIDA, C; BATISTA, H. Possibilidade de manter *home office* após pandemia valoriza imóveis fora dos grandes centros. **O Globo**, 28 de julho de 2020. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/economia/possibilidade-de-manter-home-office-apos-pandemia-valoriza-imoveis-fora-dos-grandes-centros-1-24504116>>. Acessado em: 27 jul. 2020.

ARRAIS, T. A. **Morar na metrópole, viver na praia ou no campo**: a segunda residência e o mercado imobiliário. Goiânia: Editora UFG, 2013. 109 f.

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

SIMONI, Joana Cruz de. Relações urbano-rurais e espacialidades pandêmicas: reflexões preliminares partir do caso fluminense. **Revista**

Ensaio de Geografia. Niterói, vol. 7, nº 13, pp. 57-68, janeiro-abril de 2021.

Submissão em: 19/01/2021. Aceito em: 19/03/2021.

ISSN: 2316-8544

ASSIS, L. F. **Entre o turismo e o imobiliário**: velhos e novos usos das segundas residências sob o enfoque da multiterritorialidade - Camocim/CE. Tese de doutorado (Geografia). Departamento de Geografia. USP, 2012. 278 f.

BAUMAN, Z. **Globalização**: as consequências humanas. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999. 148 f.

DATAZAP. **Os efeitos econômicos da Covid-19 no setor imobiliário**: Panorama, abril de 2020. Disponível em: <https://imagens.vivareal.com.br/datazap/relatorio-covid/panorama_efeitos-economicos-covid19-setor-imobiliario_01.pdf>. Acessado em: 30 jul. 2020.

DUMONT, G-F. Covid-19: fim da geografia da hipermobilidade? **Espaço e Economia** [Online], Rio de Janeiro, ano IX, n. 18, 20 abril 2020. Disponível em: <<http://journals.openedition.org/espacoeconomia/12926>>. Acessado em: 30 jul. 2020.

FERREIRA, A.; RUA, J.; MATTOS, R. C. Metropolização do espaço, gestão territorial e relações urbano-rurais: algumas interações possíveis. **Geo UERJ**, Rio de Janeiro, v.2, n. 25, p. 477-504, 2º semestre de 2014. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/geouerj/article/view/14408/10994>>. Acessado em: 28 jul. 2020.

GAITÁN, M.; RAINER, S. Migración por amenidad y turismo: ¿dinámicas globales en el espacio rural? el caso de Tafí Del Valle (Tucumán, Argentina). **Pasos**: Revista de Turismo y Patrimonio Cultural, La Laguna, v. 11, n. 4, p. 571-582, 11 fev. 2013. Disponível em: <http://www.pasosonline.org/Publicados/11413/PS0413_05.pdf>. Acessado em: 2 fev. 2019.

HAESBAERT, R. Reflexões geográficas em tempos de pandemia. **Espaço e Economia** [Online], Rio de Janeiro, ano IX, n. 18, 20 abril 2020. Disponível em: <http://journals.openedition.org/espacoeconomia/11826>. Acessado em: 27 abr. 2020.

HARVEY, D. **O Novo imperialismo**. São Paulo: Loyola, 2005. 208 f.

_____. **O enigma do capital**: e as crises do capitalismo. São Paulo: Boitempo, 2011. 238 f.

HIDALGO, R.; ARENAS, F.; SANTANA, D. ¿Utópolis o distópolis?: producción inmobiliaria y metropolización en el litoral central de Chile (1992-2012). **EURE** (Santiago), Santiago, v. 42, n. 126, p. 27-54, maio 2016. Disponível em: <https://scielo.conicyt.cl/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S025071612016000200002&lng=es&nrm=iso>. Acessado em: 07 ago. 2020.

LANQUAR, R. Turismo, migraciones y codesarrollo. **Revista Internacional de Sociología** (RIS), Córdoba, v. 65, n. 48, p. 221-241, setembro-dezembro, 2007. Disponível em: <<http://revintsociologia.revistas.csic.es/index.php/revintsociologia/article/view/75>>. Acessado em: 30 jul. 2020.

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

SIMONI, Joana Cruz de. Relações urbano-rurais e espacialidades pandêmicas: reflexões preliminares partir do caso fluminense. **Revista Ensaio de Geografia**. Niterói, vol. 7, nº 13, pp. 57-68, janeiro-abril de 2021.

Submissão em: 19/01/2021. Aceito em: 19/03/2021.

ISSN: 2316-8544

LENCIONI, S. Metropolização do espaço: processos e dinâmicas. In: FERREIRA, Álvaro *et al.* (orgs.) **Metropolização do Espaço: gestão territorial e relações urbano-rurais**. Rio de Janeiro: Editora Consequência, 2013, p. 17-34.

_____. Metropolização do espaço e a constituição de megarregiões. In: Ferreira, Álvaro *et al.* (orgs.) **Desafios da metropolização do espaço**. Rio de Janeiro: Editora Consequência, 2015, p. 35-68.

LEFEBVRE, Henri. **A Produção do Espaço**. Tradução Doralice Barros Pereira e Sérgio Martins (do original: *La production de l'espace*. 4e éd. Paris: Éditions Anthropos, 2000). Primeira versão, fev. 2006. Disponível em: <https://gpect.files.wordpress.com/2014/06/henri_lefebvre-a-produc3a7c3a3o-do-espac3a7o.pdf>. Acessado em: 03 nov. 2019. 476 f.

MCCARTHY, J. Rural geography: globalizing the countryside. **Progress in Human Geography**, Newbury Park, v. 32, n. 1, p. 129–37, fevereiro de 2008.

MARTINS, Raphael. Quarentena contra o coronavírus faz aumentar a procura por imóveis maiores. **O Globo**, 12 de julho de 2020. Disponível em: <<https://g1.globo.com/economia/noticia/2020/07/12/quarentena-contra-o-coronavirus-faz-aumentar-a-procura-por-imoveis-maiores.ghtml>>. Acessado em: 22 jul. 2020.

MENEZES, M. Coronavírus se espalha pelo interior do Rio, onde capacidade limitada de atendimento médico preocupa. **O Globo**, 26 de julho de 2020. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/rio/coronavirus-se-espalha-pelo-interior-do-rio-onde-capacidade-limitada-de-atendimento-medico-preocupa-1-24551780>>. Acessado em: 27 jul. 2020.

OLIVER-FRAUCA, L. La ciudad y el miedo. In: NOGUÉ, Juan; ROMERO, Juan (ed.). **Las otras geografías**. Valencia: Tirant Lo Blanch, 2006. p. 369-388.

RUA, J. Urbanidades no rural: o devir de novas territorialidades. **CAMPO-TERRITÓRIO: Revista de Geografia Agrária, Uberlândia**, v. 1, n. 1, p. 82-106, fevereiro de 2006.

_____. A complexa simultaneidade da integração e distinção entre o urbano e o rural: retomando um debate no espaço de metropolização no Estado do Rio de Janeiro. **GEOPuc**, Revista do Departamento de Geografia da PUC, Rio de Janeiro, ano 4, n. 7, p. 1 – 47, segundo semestre de 2011.

_____. Preço da terra: uma marcante urbanidade no rural na fase atual da organização do espaço geográfico. Artigo apresentado no II Simpósio Internacional Metropolização do Espaço, Gestão Territorial e Relações Urbano-Rural, 3 a 8 de novembro de 2014. Disponível em: http://media.wix.com/ugd/46d988_7cad08ab1cbb41ba821ea9acf4a75363.pdf. Acesso em: 27 de junho de 2019.

SANTOS, M. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. São Paulo: Hucitec, 1996. 271 f.

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

SIMONI, Joana Cruz de. Relações urbano-rurais e espacialidades pandêmicas: reflexões preliminares partir do caso fluminense. **Revista Ensaio de Geografia**. Niterói, vol. 7, nº 13, pp. 57-68, janeiro-abril de 2021.

Submissão em: 19/01/2021. Aceito em: 19/03/2021.

ISSN: 2316-8544

SIMONI, J. **Múltiplas escalas de transformação nas relações urbano-rurais: o espaço rural friburguense e suas urbanidades impulsionadas pelas técnicas de informação e comunicação.** Tese (doutorado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Geografia e Meio Ambiente, 2019. 254 f.

SOBARZO, Oscar. O rural e o urbano em Henri Lefebvre. In: SPÓSITO, M.; WHITACKER, A. **Cidade e Campo: Relações e Contradições entre urbano e rural.** São Paulo: Expressão Popular, 2006. p. 53-64.

SOUZA, L. L. de. Reflexões fenomenológicas em tempos de coronavírus: entre espaços, lugares e “paisagens do medo”. **Revista Ensaio de Geografia**, Niterói, v. 5, n. 9, p. 94-99, maio de 2020. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/ensaios_posgeo/article/view/42476>. Acessado em: 02 jul. 2020.

TUAN, Y. **Paisagens do medo.** São Paulo: Unesp, 2005. 376 f.

ZANATTA, B. Imóveis no campo registram alta procura com pandemia de coronavirus. **O Estadão**, 07 de junho de 2020. Economia e negócios. Disponível em: <<https://economia.estadao.com.br/blogs/radar-imobiliario/imoveis-no-campo-registram-alta-procura-com-pandemia-do-coronavirus/>>. Acessado em: 16 jul. 2020.

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

SIMONI, Joana Cruz de. Relações urbano-rurais e espacialidades pandêmicas: reflexões preliminares partir do caso fluminense. **Revista Ensaio de Geografia**. Niterói, vol. 7, nº 13, pp. 57-68, janeiro-abril de 2021.

Submissão em: 19/01/2021. Aceito em: 19/03/2021.

ISSN: 2316-8544